

Nazareno: o significado

Os erros não deixam de ser erros só porque todos os cometem ao mesmo tempo. (FOX, 1993)

Introdução

Se a Bíblia fosse mesmo a palavra de Deus, então ela não poderia ter nada que uma pessoa comum ao lê-la não a entendesse, pois, se isso ocorrer, como esse pobre coitado irá segui-la? É por esse caminho que os líderes religiosos avançam, uma vez que, sendo eles os "doutos" em interpretar a Bíblia, fica mantido *in aeternum* seu domínio sobre os fiéis.

Espinosa, um filósofo do séc XVII, já dizia:

Admira-me bastante, pois, a engenhosidade de pessoas,... que enxergam na Escritura mistérios tão profundos que se torna impossível explicá-los em qualquer língua humana e que, além disso, introduzem na religião tantas matérias de especulação filosófica que a Igreja até parece uma academia e a religião uma ciência, ou melhor, uma controvérsia. (ESPINOSA, 2003, p. 208).

O que vemos de mirabolantes tentativas para sair de alguma contradição bíblica não está no gíbi. Apelam feio, importam-lhes pouco as questões do ponto de vista da razão e da lógica; da coerência, então, nem se fala! Vamos ver a confusão que se fazem em torno da palavra Nazareno.

O fato

Mateus, no capítulo 2, narra que José, juntamente com Maria, fugiu de Belém para o Egito, por conta de um aviso de um anjo sobre o desejo de Herodes em matar Jesus, o recém-nascido, pois o rei temia que um dia essa criança pudesse vir a tornar-se o rei dos judeus. Quanto ao retorno, se fala que, em ao invés de voltar à cidade em que moravam, dirigiram-se para a cidade de Nazaré: *"Foi [José] morar na cidade de Nazaré, para que se cumprisse deste modo o que tinha sido dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno"* (v. 23).

Pelo que se pode deduzir da narrativa de Mateus, ele coloca a cidade de Belém como o lugar onde moravam os pais de Jesus. Entretanto, Lucas diz que o anjo Gabriel foi enviado a Nazaré para avisar Maria, narração essa que nos leva a concluir que era esse o lugar onde ela morava (Lc 1,26); assim, existe uma divergência em relação ao lugar onde moravam os pais de Jesus.

E, obviamente, no passo citado (Mt 2,23) o vocábulo "Nazareno" é relacionado a alguém que, se não é natural de Nazaré, pelo menos mora nela, justificando o que Mateus relatou no início do versículo.

A confusão

Vejamos as explicações dadas pelos tradutores e exegetas bíblicos:

1 - A palavra "Nazareno" pode ter um duplo sentido: habitante de Nazaré e "Nazir", isto é, consagrado a Deus por um voto (cf. Lv 21,12; Jz 23,57). Talvez Mt quisesse literariamente visar os dois sentidos: Jesus é de Nazaré e é consagrado especialmente ao Senhor. (Bíblia Sagrada Santuário, p. 1437).

2 - [*Ele será chamado Nazareno*] Esta frase não se encontra no Antigo Testamento. Mas, Nazareno parece ser um qualificativo que significa desdém. Os profetas, sobretudo Isaías, anunciavam um Servo de Deus humilde e desprezado. O adjetivo provém, sem dúvida, do nome de Nazaré. Serviu para designar os cristãos (Atos 24,5). (Bíblia Sagrada Ave Maria, p. 1286).

3 - Na significação desse nome (em hebraico nezer: "*reberto*", "*germe*") o

evangelista vê, ou uma alusão ao nome messiânico, germe de Davi (cf. Is 11,1; 53,2), ou à natureza de Jesus enquanto Santo de Deus por excelência (cf. Jz 13,5; Mc 1,24). (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1180).

4 - *Pelos profetas*: a expressão vaga indica que Mateus não pretende citar nenhum profeta determinado, mas talvez o conjunto das profecias que no Antigo Testamento se referem à vida humilde, oculta e desprezada aos olhos dos homens, que o Messias viverá em Nazaré (cf. Jo 1,46), cidadezinha desconhecida e desprezada pelos próprios judeus. (Bíblia Sagrada Paulinas, p. 1062).

5 - "Nazareno". (hebr.): *Nots.rí*. Gr.: *Na.zo.raí.os*; provavelmente derivado do hebr. *né.tser*, significando "rebentão", portanto, figurativamente "prole"; descendente". Veja Is 11,1 e n.: "rebentão". (Tradução Novo Mundo das Escrituras Sagradas, p. 1136).

6 - *Ele será chamado Nazareno*. Provavelmente "nazareno" é um sinônimo para "desprezível" ou "desprezado", já que Nazaré era o lugar mais improvável para a residência do Messias (cf. Is 53,3; Sl 22,6). (Bíblia Anotada, p. 1185).

7 - "Nazareu" (*nazôraios* forma usada por Mt, Jo e At) e o seu sinônimo "nazareno" (*nazarênos*, forma usada por Mc; Lc tem as duas formas) são duas transcrições correntes do mesmo adjetivo aramaico (*nasraya*), derivado de nome da cidade de Nazaré (*Nasrath*). Aplicado primeiro a Jesus – indicando sua origem (26,69.71) – e depois aos seus sequazes (At 24,5), esse termo ficou como designativo dos discípulos de Jesus no mundo semítico, enquanto no mundo greco-romano prevaleceu o nome "cristão" (At 11,26). – Não se percebe claramente a que oráculos proféticos Mt alude aqui; pode-se pensar em *nazîr* (Jz 13,5.7), ou em *neçer*, i.é., "rebento" (Is 11,1), ou de preferências em *naçar*, "guardar" (Is 42,6; 49,8), de onde *naçur* = o Resto. (Bíblia de Jerusalém, p. 1706).

8 - Nazaré, Nazareno: S. Mateus só citou esta cidade (o mesmo se diga de Belém) por causa de sua relação com a palavra de algum profeta, provavelmente Isaías (11,1). (Bíblia Sagrada Barsa, p. 3 do NT).

E num dicionário bíblico encontramos:

Nazareno – Tradução comum para duas palavras gregas: *nazarenos* e *nazoraïos*, usadas indistintamente nos escritos do Novo Testamento. É uma espécie de termo de estado civil aplicado a Jesus, que não implica a fé cristã mas é aceitável para ela (Mc 14,67; 16,6; Jo 18,5).

Sob a forma *nazarenos* é fácil de compreendê-lo como "habitante de Nazaré", daí as traduções usuais (Mc 1,24 etc.). Esta forma é a única usada por Marcos, e às vezes por Lucas (Lc 4,34; 24,19); nunca pelos outros livros. (Dicionário Bíblico Universal, p. 555).

No Dicionário Prático, constante da Bíblia Sagrada Edição Barsa, se lê: "Nazareno. Aquele que é de Nazaré. Muitos assim chamaram a Jesus, pois em Nazaré passou toda sua vida oculta, desde a volta do Egito até o início do seu ministério (Mt 2,23). Os judeus davam também este nome aos primeiros cristãos (At 24,5)". (p. 189).

Verdadeira torre de Babel! Tudo fica no "pode ter", "talvez", "provavelmente", ou seja, ninguém tem certeza de nada; fica tudo por conta da imaginação de cada tradutor, ou de quem lê a passagem.

Vejamos agora as "prováveis" profecias que se enquadrariam ao passo.

As supostas profecias

Primeiramente, é bom ressaltar, que Mateus coloca a frase como uma profecia dita por vários profetas, deduzindo-se que são inúmeros.

Os tradutores da Bíblia de Jerusalém, que sabemos ser uma equipe formada por católicos e de protestantes, afirmam claramente que (p. 1706):

Não se percebe claramente a que oráculos proféticos Mt alude aqui"; mas, como a maioria outros, assumem, na sequência, a dúvida: "pode-se pensar em

nazir (Jz 13,5.7), ou em *neçer*, i.é., “rebento” (Is 11,1), ou de preferências em *naçar*, “guardar” (Is 42,6; 49,8), de onde *naçur* = o Resto.

Is 11,1: *Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes.*

Explicando Is 11,1-9, informam-nos:

Isaías projeta para o reinado de Ezequias o ideal utópico de uma sociedade que chegou à realização plena (cf. 6,14, 7,14 e nota em 8,23b-9,6). Esse reinado se fundará no total espírito de Javé (sete dons), que fará surgir uma sociedade alicerçada na justiça, produzindo paz e harmonia. O Novo Testamento vê o cumprimento do oráculo na pessoa de Jesus (cf. Mt 3,16): é a partir da ação dele que se constrói o mundo novo, onde todas as coisas se reconciliam (Ef 1,10; Cl 1,20) (Bíblia Sagrada Pastoral, p. 959).

Se “Isaías projeta para o reinado de Ezequias” não há que se estabelecer qualquer relação com Jesus, a não ser por contradição à realidade da época, fugindo, sem razão, do contexto da passagem. Como na nota acima é dito “onde todas as coisas se reconciliam”, vale uma perguntinha: onde todas as coisas se reconciliam, se constantemente as facções religiosas vivem se digladiando, visando impor seus pontos de vista?

Is 42,6: *Eu, Iahweh, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações.*

Citando Is 42,1-9, esclarecem-nos:

É o primeiro “cântico do Servo de Javé”. Quem é esse Servo? De início, provavelmente, uma pessoa; depois essa pessoa foi tomada como figura coletiva, sendo aplicada a todo o povo pobre e fiel. O Servo é a grande novidade que Javé prepara: o missionário escolhido que, graças ao Espírito de Javé, recebe a missão de fazer que surja uma sociedade conforme a justiça e o direito. Ele não submeterá os fracos ao seu domínio, mas o seu agir acabará produzindo uma transformação radical: os cegos enxergarão e os presos serão libertos. Os evangelhos aplicam a Jesus a figura do Servo (cf. Mt 3,17 e paralelos; 12,17-21; 17,5) (Bíblia Sagrada Pastoral, p. 986).

Novamente temos o “aplicam a Jesus”, uma coisa que não tem nada a ver com ele, já que, conforme já o dissemos, a esperança de Isaías era para o reinado de Ezequias.

Já que falamos em Servo, e como este termo é sempre utilizado, vamos ver, nas explicações dadas sobre o livro de Isaías, o seguinte:

Os capítulos 40-55 foram escritos por profeta anônimo, na época do exílio na Babilônia, apresentando uma mensagem de esperança e consolação. Esse profeta é comumente chamado **Segundo Isaías**. O fim do exílio é visto como um novo êxodo e, como no primeiro, Javé será o condutor e a garantia dessa nova libertação. O povo de Deus, convertido, mas oprimido, é denominado “**Servo de Javé**”. (Bíblia Sagrada Pastoral, p. 947) (grifo nosso).

Merecem destaque os “Cânticos do Servo de Deus” (42, 1-4; 49, 1-6; 50, 4-9a; 52, 13-53, 12). Neles se descreve a vocação do Servo, sua missão de pregador, sua função mediadora da salvação para os homens e, especialmente, o caráter expiatório de seus sofrimentos e de sua morte. O Servo às vezes parece ser Israel como povo, ou enquanto elite; outras vezes um indivíduo, talvez o profeta dos poemas, o rei Ciro, o rei Joaquim ou outro personagem qualquer. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 890). (grifo nosso).

Assim, conforme estamos vendo, a expressão “Servo de Deus” não poderia ser aplicada a Jesus, como alguma coisa relacionada a uma profecia, já que o termo é específico para uma determinada situação local, sem qualquer vinculação com algum evento num futuro longínquo, muito menos relacionado ao Messias.

Is 49,8: *Assim diz Iahweh: No tempo do meu favor te respondi, no dia da salvação te socorri. Modelei-te e te pus aliança do povo a fim de restaurar a terra, a fim de*

redistribuir as propriedades devastadas.

Ao explicar Is 49,1-9a, dizem-nos:

É o segundo “cântico do Servo de Javé” (cf. nota em 42,1-9). Aqui se descrevem as características da missão profética: desde o início (ventre), o Servo recebe a missão (o nome) de anunciar a palavra de Javé para reunir e restaurar seu povo disperso. Esta restauração implica reunir e organizar o povo, liderando-o no movimento da libertação: isso implica a reorganização político-social e a justa distribuição de terras (vv. 8-9a). Mas a missão do Servo ultrapassa as fronteiras de uma nação, pois fará com que o povo da aliança se torne luz para os outros povos. (Bíblia Sagrada Pastoral, p. 992-993).

Aqui, igualmente, não vemos nenhuma profecia; é algo para aquela época; portanto, também nada tem a ver com algum evento no futuro que poder-se-ia aplicar a Jesus.

Is 53,2: Ele cresceu diante dele como renovo, como raiz em terra árida;...

Lemos: “Em Is 11,1.10, as imagens do renovo e da raiz acompanham o anúncio festivo do Messias davídico. Aqui, elas apenas evocam o aspecto humilde e mísero do Servo”. (Bíblia de Jerusalém, p. 1340).

O trecho compreendido entre Isaías 52, 13 – 53, 12, ou seja, do versículo 13 do capítulo 52 ao versículo 12 do capítulo 53 é explicado da seguinte forma:

Estes versículos apresentam o Servo sofrendo vicariamente pelos pecados dos homens. A interpretação judaica tradicional entende a passagem como uma referência ao Messias, como, é claro, fizeram os primeiros cristãos, que criam ser Jesus o referido Messias (At. 8, 35). Não foi senão no século XII que surgiu a opinião de que o Servo aqui se refere à nação de Israel, opinião que se tornou dominante no Judaísmo. O Servo, todavia, é distinto do ‘meu povo’ (53, 8), e é uma vítima inocente, algo que não se podia dizer da nação (53, 9). (A Bíblia Anotada, p. 905.)

Interessante que querem, de todas as maneiras, desvirtuar o texto para aplicá-lo a Jesus, quando, em verdade, se refere especificamente à nação de Israel.

SI 22,6 (7): Quanto a mim, sou verme, não homem, riso dos homens e desprezo do povo;

Salmo de Davi que refere a ele mesmo; portanto, não é uma profecia a respeito de ninguém.

Complicadores

Vejamos algumas opiniões:

(...) E o segundo problema, ainda mais grave, é que provavelmente Jesus não nasceu em Belém. “Há quase um consenso entre os historiadores de que Jesus nasceu em Nazaré”, diz o padre Jaldemir Vitório, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. Então por que o evangelho de Mateus diz que o nascimento foi em Belém? Vitório explica que o texto segue o gênero literário conhecido por midrash. Basicamente, o midrash é uma forma de contar a história da vida de alguém usando como pano de fundo a biografia de outras personalidades históricas. No caso de Jesus, ele explica, a referência a Belém é feita para associá-lo ao rei Davi do Antigo Testamento – que, segundo a tradição, teria nascido lá. (CAVALCANTE, 2002, p. 43). (grifo nosso).

Da mesma forma, inexistente qualquer prova histórica ou arqueológica da “fuga para o Egito”, como tampouco existe prova da estada de Jesus em Nazaré. Aliás, a rigor, a Bíblia cita Jesus por muito mais vezes como “nazireu” do que “nazareno”, e “nazireu” pode ter vários significados, mas normalmente não define o “homem de Nazaré”. Essa última interpretação poderia ser deduzida somente de maneira indireta, de um trocadilho com a palavra hebraica “nezer”

= "vara", veja Isaias 11,1; *"Sairá uma vara do tronco de Jessé e uma flor brotará da sua raiz"*. De fato, o Evangelho de São Mateus torna a citar o termo controvertido "nazareno" no contexto de uma profecia: *"...e, chegando, habitou uma cidade chamada Nazaré, cumprindo-se desse modo o que tinha sido predito pelos profetas, que seria lá chamado Nazareno"* (Mateus 2,23). Isso em nada facilita as coisas, pois não deixa bem claro a que profetas o texto se refere (a não ser Isaias, autor das palavras supracitadas). Talvez se pretenda estabelecer um certo nexos com o termo "nazireu" ("consagrado a Deus", qualificação outrora atribuída a Sansão (Juizes 13,5 e 7, 16,17)), que exigiu uma certa ascese por parte da pessoa assim qualificada (ele devia observar determinados tabus); contudo, tal conjectura não deixará de implicar em certos problemas filológicos. Assim, também, aí torna a surgir um sinal de interrogação, e a esse respeito cumpre não silenciar o fato de alguns cientistas interpretarem os pronunciamentos dos Evangelhos, mencionando Nazaré como "cidade da infância e juventude" de Jesus, como meras construções, relacionadas com o título "nazireu", não muito bem compreendido pelos evangelistas, os quais, por causa disso, reinterpretam-nos e sumariamente o substituíram por "nazareno". Mark Lidzbarski chega a afirmar que, durante a vida de Jesus, nem teria existido um lugar geográfico chamado Nazaré. Contra-argumentando, pode-se dizer que, embora não soubéssemos como era Nazaré nos tempos de Jesus, achados arqueológicos confirmam a existência daquele povoado (se é que uns precaríssimos abrigos podem ser chamado de "povoado"), no período entre cerca de 900 a.C. e 600 d.C., e esses achados incluem também peças datando do reinado de Herodes, o Grande (de 40 a 4 a.C.). Aliás, o comentário pouco lisonjeiro de Natanael, transmitido pelo Evangelho de São João: *"De Nazaré pode, porventura, sair coisa que seja boa?..."*, pode ser uma alusão à precariedade do lugarejo, todavia promovida a "cidade" pela Bíblia. Em todo caso, não há nenhum indício de Jesus, Maria e José. Somente desde o século XI da nossa era, o nome Nazaré ficou sendo comprovado pela Fonte da Virgem Maria, onde até hoje as mulheres vão buscar água com a qual enchem suas jarras, como o faziam nos tempos de Jesus... (KELLER, 2004, p. 366-367).

Na nossa opinião, não foi esse o motivo de ter sido Jesus chamado de Nazareno. [referindo-se aqui o autor ao fato de Jesus ter ido morar em Nazaré] No Antigo Testamento, a lei ordenava que "o primogênito fosse consagrado ao Senhor", deixando os cabelos compridos. (ARAÚJO, 2000, p. 386).

Agora devemos passar a tratar de outra fase da história dos pais de Jesus e Dele mesmo. Em grande parte da literatura cristã Jesus é chamado de *Nazareno*, sendo comum acreditar-se que Jesus nasceu ou passou a maior parte de Sua vida em Nazaré. É estranhável que os estudiosos da literatura bíblica, especialmente os que escreveram tão exaustivamente sobre a vida de Jesus, apresentando em seus ensinamentos e preleções os detalhes pitorescos de Sua vida, nunca tivessem dado a devida atenção ao título de *Nazareno* nem investigado a sua significação. Todas essas autoridades, escritores e professores presumiram que, sendo Jesus chamado de *Nazareno*, deveria ser da cidade chamada Nazaré e que, visto que Ele e Seus pais viveram na Galileia, a cidade de Nazaré deveria estar localizada naquela região. Com base neste raciocínio, afirma-se, de modo geral, que Nazaré foi a cidade natal dos pais de Jesus e que Nazaré, na Galileia, foi o lugar onde Jesus passou sua infância.

Estive recentemente em Nazaré e fiz exaustivas pesquisas com o propósito de comprovar as declarações contidas nos registros Rosacruz; a maioria de meus leitores ficará provavelmente surpresa em saber que, ao tempo em que Jesus nasceu, não havia cidade ou vila na Galileia com o nome de Nazaré e que a cidade que hoje traz este nome, na Galileia, não só é uma cidade recente mas também veio a ter este nome, por causa da insistência dos investigadores em encontrar alguma localidade que tivesse o nome de Nazaré, na Galileia.

Em primeiro lugar, devemos tornar claro que o título de Nazareno não queria dizer que a pessoa que o tivesse fosse de uma cidade chamada Nazaré. O título de *Nazareno* era dado pelos judeus a pessoas estranhas que não seguiam sua religião e que pareciam pertencer a um culto ou seita secreta que existira ao Norte da Palestina por muitos séculos; podemos verificar na Bíblia Cristã que o próprio João Batista era chamado de *Nazareno*. Também encontramos muitas outras referências a pessoas conhecidas como *nazarenos*. Em Atos XXIV:5, encontramos um homem qualquer sendo condenado como provocador de uma rebelião entre os judeus em todo o mundo e sendo chamado de "líder da seita

dos nazarenos". Sempre que os judeus entravam em contato com alguém em seu país que fosse de outra religião, e especialmente se tivesse uma compreensão mística das coisas da vida e vivesse de acordo com um código ético ou filosófico diferente do judaico, chamavam-no de *Nazareno* por falta de um nome mais adequado.

Existiu realmente uma seita chamada *Os Nazarenos*, citada nos registros judaicos como uma seita de *Primitivos Cristãos* ou, em outras palavras, aqueles que eram essencialmente preparados para aceitar as doutrinas cristãs. De fato, os enciclopedistas e autoridades judaicas parecem concordar em que o termo *Nazareno* abrangia todos os cristãos que haviam nascido judeus, que não desejavam ou não podiam abrir mão de seu antigo modo de vida, mas que tentavam ajustar as novas doutrinas às antigas. As enciclopédias judaicas também afirmam ser bastante evidente que os Nazarenos e os Essênios tinham muitas características em comum, e mostravam, portanto, tendência para o misticismo. Os Essênios e Nazarenos, na verdade, eram considerados *heréticos* pelos judeus cultos, mas existe a seguinte diferença ou distinção no uso destes dois termos: os Essênios não eram tão conhecidos pela população da Palestina como os Nazarenos; um homem dificilmente era chamado Essênio a não ser por pessoas bem informadas, que conhecessem a diferença entre Essênios e Nazarenos, ao passo que muitos Essênios e membros de outras seitas que levavam uma vida peculiar ou não aceitavam a religião judaica eram chamados de Nazarenos.

São Jerônimo, famosa autoridade bíblica, refere-se ao fato de que em seu tempo ainda existia entre os judeus, em todas as sinagogas do Oriente, uma heresia condenada pelos fariseus, cujos seguidores eram chamados de Nazarenos. Ele disse que estes acreditavam que Cristo, o Filho de Deus, havia nascido da Virgem Maria, havia sofrido sob Pôncio Pilatos e ascendido aos céus. "Mas," disse São Jerônimo, "embora pretendessem ser ao mesmo tempo judeus e cristãos, não eram nem uma coisa nem outra".

Consultando as mais altas autoridades da Igreja Católica Romana, vemos que o título de Nazareno, aplicado ao Cristo, só ocorre uma vez na versão da Bíblia feita por Douai, e esta autoridade declara que o termo "Jesus Nazareno" foi uniformemente traduzido como "Jesus de Nazaré", o que representa um erro de tradução, sendo a forma correta "Jesus, o Nazareno." Em nenhuma parte do Velho Testamento existe a palavra Nazaré descrevendo uma cidade existente na Palestina, mas no Novo Testamento encontramos referências a Jesus regressando a uma cidade chamada Nazaré. Estas referências resultam da tradução da frase "Jesus voltando aos Nazarenos" para "Jesus retomando a Nazaré." Um ponto interessante é reforçado pelas autoridades católicas romanas, que dizem que Jesus, embora fosse comumente chamado de Nazareno, não pertencia absolutamente àquela seita.

Reunindo os registros judaicos e católicos romanos e comparando-os com as informações contidas em nossos próprios registros, verificamos que os nazarenos constituíam uma seita de judeus que, embora tentasse seguir os antigos ensinamentos judaicos, acreditava na vinda do Messias, que nasceria de maneira singular e seria o Salvador de sua raça. Depois de iniciado o ministério de Jesus, esses Nazarenos aceitaram Jesus como o Messias e também as doutrinas que Ele pregava, ao mesmo tempo que continuavam a tentar seguir muitos fundamentos de sua religião judaica. Os registros judaicos afirmam que os Nazarenos rejeitaram Paulo, o *Apóstolo dos Gentios*, e que alguns Nazarenos só exaltavam em Jesus o fato de ser um homem justo.

Outro termo para esses heréticos judeus era "Nazarita". De acordo com as autoridades judaicas, o termo Nazarita foi aplicado àqueles que viviam à parte ou separados da raça Judia, por causa de alguma crença ética, moral ou religiosa distinta. Os registros judaicos dizem que essas pessoas eram, frequentemente, as que não bebiam vinho ou qualquer bebida feita de uvas, ou que não cortavam o cabelo, ou que não tocavam nos mortos durante qualquer cerimônia fúnebre. Os mesmos registros nos dizem que a história ou origem da seita nazarita na antiga Israel é obscura. Afirmam também que Sansão era nazarita, como o fora sua mãe, e que a mãe de Samuel prometera dedicá-lo à seita dos nazaritas. Os registros judaicos também dizem que era comum os pais dedicarem seus filhos menores à seita nazarita, e afirmam claramente haver referências ao fato de que se falava que Jesus fora dedicado aos nazaritas quando ainda estava no ventre de sua mãe. Esses registros judaicos dizem que Lucas I: 15 é uma referência a esta dedicação. A rainha Helena, e Miriam de

Palmira são mencionadas como nazaritas nos registros judaicos, e muitas outras pessoas famosas na literatura sacra são apresentadas como nazaritas.

Está claramente indicado em muitos registros históricos que os termos Nazarita e Nazareno nada tinham a ver com uma cidade ou vila chamada Nazaré. Dissemos que a atual cidade de Nazaré, na Galileia, recebeu este nome porque tinha de haver um local que se encaixasse naquilo que se entendia como a aldeia onde viveram os pais de Jesus e onde Ele passou a infância. Durante os primeiros séculos depois de Cristo, quando as doutrinas cristãs estavam se formando e os Santos Padres da Igreja Católica Romana e estudiosos de religião em geral buscavam todos os locais históricos ligados à vida de Jesus, incidentes e pontos ligados à vida deste grande homem foram ansiosamente tabulados e glorificados. Minha recente visita à Palestina deixou bem evidente que este desejo de encontrar locais históricos e sagrados e de glorificá-los não se apagou e provavelmente continuará a existir por centenas de anos. O absurdo desta situação se toma aparente quando o turista casual descobre que três, quatro ou cinco locais diferentes lhe são mostrados, nos quais ocorreu um determinado incidente da vida de Jesus.

Houve grandes dificuldades na busca de um lugar que correspondesse ao nome de Nazaré, na Galileia, visto que nenhuma cidade com este nome fora mencionada no Velho Testamento e nenhum dos mapas antigos do tempo do Cristo revelava a existência desse local. Um pequeno povoado chamado "en-Nasira", entretanto, foi localizado bem longe do Mar da Galileia e imediatamente rebatizado "Nazaré" e associado à infância de Jesus. A descoberta deste povoado *en-Nasira* ocorreu no *terceiro século depois de Cristo*, e desde então passou a ser conhecido pelo nome de Nazaré, embora ainda hoje continuem a faltar quaisquer evidências que justifiquem o uso desse nome. Em Marcos VI: 1,2 diz-se que Jesus voltou a seu próprio país e que Seus discípulos o seguiram e que, quando chegou o *Shabat*, ele começou a ensinar na sinagoga. No quarto verso do mesmo capítulo, Jesus se refere ao fato de que Ele era um profeta em Seu próprio país, entre seus próprios parentes e em Sua própria casa. Essas referências foram interpretadas como sendo relativas a Nazaré, a cidade onde muitos estudiosos da Bíblia acreditam que Jesus nasceu e passou a infância. Ora, se é verdade que Jesus retomou à Sua cidade natal e pregou *na sinagoga para grandes multidões*, não poderia ter sido em *en-Nasira*, ou a chamada Nazaré; mesmo no segundo e terceiro séculos após o nascimento de Jesus, *en-Nasira* ou Nazaré ainda não tinha uma sinagoga nem era suficientemente grande para possuir qualquer edificação ampla onde multidões pudessem ter ouvido Jesus pregando, nem havia multidões nas vizinhanças para ouvi-Lo. Portanto, as referências de Marcos à Sua cidade natal não podem ter sido relativas a *en-Nasira*. *En-Nasira* era tão-somente um povoado em torno de um poço chamado na época de "poço da casa da guarda", embora, segundo descobri, tenha sido chamado, nos últimos anos, de "Poço de Santa Maria". Esta mudança de nome e a atribuição de significado religioso a um local sem importância da Palestina é bem típica das modificações que estão sendo feitas naquele país para agradar os turistas.

Procurando nos registros judaicos, vemos que estes confirmam que só nos livros do Novo Testamento, escritos muito após a vida de Jesus, há menção de Nazaré como uma cidade da Galileia, e que este local não é mencionado no Velho Testamento, nos escritos históricos de Josefo nem no Talmude. Durante a vida de Jesus, a cidade de Jafa era a mais importante na Galileia, sendo a que mais atraía os viajantes e era mais citada nos escritos históricos.

Nos registros da Igreja Católica Romana e nas suas enciclopédias, vemos que o vilarejo *en-Nasira* era conhecido estritamente como um povoado judeu até o tempo de Constantino, havendo referências de ser habitado *totalmente por judeus*. Esta pequena aldeia, em volta de um poço, portanto, não poderia ter sido o centro da população gentia da Galileia. Hoje em dia há uma pequena igreja ou capela em Nazaré, a qual visitei, supostamente erigida sobre a gruta onde Maria e José viviam no tempo da anunciação, quando o arcanjo revelou a Maria o iminente nascimento da encarnação do Logos.

Todos os fatos acima apresentados indicam claramente que José, Maria e a criança, eram considerados como Nazarenos ou Nazaritas, junto com muitos outros de sua localidade, ou seja, pessoas pertencentes a uma seita não-judaica. Muitas outras referências a esta seita mostram claramente que a mesma defendia pontos de vista religiosos e místicos que mereceram ser aceitos como fundamentos da doutrina cristã. Levando isto em consideração, temos de

imediatamente um quadro interessante das condições existentes na Palestina e arredores, pouco antes da era cristã. Primeiro, temos um grande número de homens, mulheres e crianças, que ou eram judias por nascimento, gentias por nascimento, ou de várias raças, e se recusavam a aceitar completamente a lei mosaica, somente sendo judias porque as leis da terra as forçavam a adotar a *circuncisão* e apresentarem-se na sinagoga ao completarem doze anos, e só seguiam os ensinamentos judeus no que revelavam de Deus e de Suas leis e lhes serviam em seus estudos dos princípios divinos. Eram eles preparados por alguma escola ou sistema que os tornava aptos a aceitar os ensinamentos místicos mais elevados, revelados de tempos a tempos pelas mentes evoluídas ou pelos ensinamentos dos Avatares. (LEWIS, 2001, p. 56-64).

Será chamado Nazareno?

(Mateus 2:23) – "... assim se cumpriu o que foi anunciado pelos profetas: <Ele será chamado Nazareno>".

Aqui, num pequenino trecho, não só um amontoado de erros, como muita mentira e má fé de Mateus (ou do escriba que fez o texto e atribuiu a ele a autoria do versículo). Mateus especializou-se em inventar "profecias retroativas" que aconteciam muitos anos (pelo menos 40 anos) depois dos fatos terem sido relatados como acontecido. Como também Mateus inventava muitas profecias do Antigo Testamento, sem que as citadas profecias realmente estivessem no Antigo Testamento. Isto porque, não existe um único registro no Antigo Testamento a respeito de Nazaré ou Nazareno. Trata-se de invenção de Mateus (ou do escriba que escreveu por ele), escrevendo sobre a vida de Jesus mais de 70 anos após o seu nascimento e após a destruição de Jerusalém no ano 70, e tentando fazer coincidir, no ano 70, "profecias retroativas", como se elas tivessem realmente se realizado. Aliás, Nazaré sequer existia como cidade quando Jesus nasceu. Existia, sim, o lago de Genesaré (Mar de Tiberíades), mas não a cidade de Nazaré, que somente veio a existir alguns anos (cerca de quinze anos) após Jesus ter nascido.

Vejamos a má fé de Mateus (ou do escriba que escreveu por ele). Ele afirma, após o ano 70, época da destruição de Jerusalém e da diáspora e extermínio dos essênios, portanto 70 anos depois de Jesus já ter nascido, que 70 anos antes iria se realizar uma "profecia retroativa" e que Jesus iria ser chamado de Nazareno.

Uma profecia ao Contrário, relatada depois do fato ter acontecido, passados mais de 70 anos. Porém, o mais gritante é que além de Nazaré sequer existir quando Jesus nasceu, sendo impossível, dessa forma, tal registro, Mateus ainda confunde Nazireu com Nazareno, que são coisas completamente diferentes.

Para efeito de argumentação, vamos conceder o benefício da dúvida e admitir que Mateus estivesse com falhas mentais (pois ele era contemporâneo de Jesus e que quando teoricamente escreveu o seu evangelho, logicamente já tinha mais de 80 anos) e com isso não se lembrou ou "confundiu" que Nazaré (a cidade) não existia quando Jesus nasceu, mas tão somente o lago de Genesaré.

Entretanto, como Mateus pode ter "confundido", novamente, Nazareno (nascido em Nazaré) com Nazireu (de Nazir), que é um judeu que tomou os votos de sacrifícios especiais, de não beber vinho, não comer uvas e não cortar os cabelos, que não era o caso de Jesus, pois Jesus era essênio, e como tal era adepto da eucaristia, do ritual do pão e do vinho, e comia uvas. Não podendo, por isso mesmo, ser um Nazireu.

A profecia do Antigo Testamento a respeito do Nazireu, refere-se a Sansão e não a Jesus. Dessa forma, Mateus ao "confundir" a profecia do Antigo Testamento sobre Sansão, que era Nazireu, que não bebia vinho, não comia uvas e não cortava os cabelos, com Jesus, chamando-o de Nazareno, não é o que se pode dizer como um caso do acaso, quando a má fé e má intenção estão bastante claras. Mas o pior de tudo é dizer que cumpriu-se a profecia do Antigo Testamento afirmando que o messias se chamaria Jesus, quando os nomes de "Jesus", assim como Nazaré, sequer são citados no Antigo Testamento. Muito pelo contrário, o messias, segundo o Antigo Testamento, não viria de Nazaré e sim de Belém e deveria chamar-se Emmanuel, conforme:

Isaías (7:14) "Por isso mesmo, o Senhor, por Sua conta e risco, vos dará um sinal: Olhai: A jovem (palavra correta) mulher está grávida e dará a luz a um filho, por-lhe-á o nome de Emmanuel".

Portanto, a mãe de Jesus, Maria, era uma jovem mulher ("almah", que não quer dizer virgem), e não uma virgem ("bethulah"), e Jesus de Nazaré, não era de Nazaré (e nem de Belém) e não se chama Emmanuel conforme previsto pelas profecias de Isaías no Antigo Testamento. Ou seja, as profecias alegadas por Mateus como tendo sido cumpridas, jamais se realizaram (mesmo ele "prevendo" isso 70 anos depois do acontecimento). As profecias de Isaías, no Antigo Testamento também não se realizaram, pois Jesus chama-se Jesus e não Emmanuel. (MACHADO, 2004, p. 168-170).

Conclusão

O teólogo e ex-padre Carlos T. Pastorino (1910-1980), oferece-nos, para o caso, as seguintes explicações:

Então, ainda durante o noivado, José verificou a gravidez (εὐ-πέθη ἐν γαστρὶ ἔχουσα). O fato só pode ter ocorrido depois que Maria regressou da casa de Isabel Ai'n-Karim, para sua aldeia de Nazaré. Mateus silencia a esse respeito, fazendo que o leitor suponha que eles normalmente habitavam em Belém.

Tanto que, mais tarde (2:23) diz que, quando José regressava do Egito para sua casa (Belém), ao saber que Arquelau, filho de Herodes, é que lá reinava, resolveu ir morar na Galileia, a conselho do anjo, na cidade de Nazaré, "para que o menino pudesse realizar a profecia e ser chamado nazareno". Portanto, para Mateus, Nazaré era um lugar ainda desconhecido de José e de Maria, ao passo que, para Lucas, Nazaré era a residência normal dos dois. (PASTORINO, vol. 1, p. 53).

Após a morte de Herodes, novamente funciona a mediunidade onírica de José: em sonhos um "anjo" manda-o regressar à "terra de Israel", como ainda hoje se diz: κκ ρψ ἰ ὕμφν José obedeceu de imediato e (segundo Mateus) dispunha-se a regressar a Belém, quando "ouve dizer" que lá governava Arquelau, filho de Herodes. Instala-se nele o medo. Realmente, à morte de Herodes (4 A.C.) Arquelau tinha 18 anos; mas como os judeus se opuseram a seu reinado, revoltando-se por não ter sido deposto o sumo sacerdote Joasar, ele mandou matar 3.000 judeus (Josefo, Ant. Jud. XVII, 9, 1). Mas à noite, outro sonho esclarece-o, indicando-lhe que se dirija à Galileia, a "uma cidade chamada Nazaré". Como estamos vendo, essa cidade constituía para Mateus uma "novidade absoluta". Parece que José e Maria nem a conheciam. Como conciliar com as palavras de Lucas, de que eles *eram da cidade de Nazaré*, isto é, que lá tinham nascido e residiam normalmente? Teria sido mais fácil dizer que do Egito regressaram à *sua cidade de Nazaré*... pois lá eles possuíam casa, a oficina de carpinteiro de José, os parentes e amigos.

Entretanto, Mateus desconhece tudo isso, mostra-o desejoso de ir para Belém (fazer o quê?) e só o aviso em sonho o faz dirigir-se para Nazaré, como se fora um local que eles pisassem pela primeira vez. E ainda explica: "para que se cumprisse a profecia, que o chama NAZOREU". Nem é "nazareno"...

Esse gentílico é usado quatro vezes por Marcos e duas vezes por Lucas. Mas o próprio Mateus emprega duas vezes *nazoreu*, que é utilizado uma vez por Lucas, três vezes por João, e sete vezes por Atos. Eram assim chamados (nazoreus) os cristãos por volta do ano 60 (At. 24:5). O Talmud denomina Jesus o NOZRI, e chama os cristãos NOZRIM.

Notemos que não há profecia alguma que diga dever o Messias ser chamado "nazareno", nem "nazoreu". A única frase que poderia ser aplicada seria a de Isaías (11:1) quando diz que do tronco de Jessé sairá um rebento, e de suas raízes sairá um renovo (= nezêr) que frutificará. E o Espírito de YHWH se deterá nele. Tendo Mateus apresentado Jesus como o último rebento (o renovo) na genealogia, pode ter feito mentalmente uma aproximação, embora forçada. (PASTORINO, vol. 1, p. 90).

A Palavra "Nazareno" aparece com mais frequência sob a forma "Nazoreu" (*nâshôray* e *nazôraios*, em hebr. e grego). Porém, não se confunda essa palavra com "nazireu"! Com efeito, nos evangelhos temos onze vezes a forma nazoreu (Mt. 2:23 e 26:71; João, 18:5,7, e 19:19; Atos 2:22; 3:6; 4:10; 6:14; 22:8; 24:5 e 26:9) contra seis vezes a forma "nazareno" (Marc. 1:24; 10:47; 14:67 e 16:6, e Luc. 4:34 e 24:19). Mesmo neste local o texto de Mateus varia nos códices entre *nazarenus* (Vaticano e outros) e *nazoreu* (Sinaítico e outros). (PASTORINO, vol. 6, p. 129).

É-nos muito mais fácil alinhar-nos com o pensamento de Pastorino, tendo em vista que, esse eminente teólogo, não mais preso aos dogmas, procurou apresentar, aos leitores, a verdade dos fatos, baseando-se nos inegáveis conhecimentos de exegese bíblica.

O fato é que, se ficarmos restritos ao texto de Mateus, não haverá outra alternativa senão aceitarmos que, quando se cita que Jesus foi morar em Nazaré, queria que se entendesse por Nazareno como “homem de Nazaré”, mas ao citar que isso foi predito pelos profetas, disse algo que não é verdadeiro, pois, nenhum, mas nem um único só profeta disse textualmente que o Messias seria chamado de Nazareno. Quando nos apresentam Isaías como “salvador da pátria”, demonstram falta de análise contextual, ajeitando-se uma passagem que não tem nada a ver com o caso para derrubar a incoerência do texto bíblico objeto deste questionamento.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Fev/2006. (revisado jan/2007).

Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
Bíblia Sagrada, São Paulo: Ave Maria, 1989.
Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, São Paulo: Paulus, 2001.
Bíblia Sagrada, São Paulo: Paulinas, 1980.
Bíblia Sagrada, Petrópolis – RJ: Vozes, 1989.
Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002.
Revista Superinteressante, Edição 183, dezembro 2002.
ARAÚJO, E. M. *Paradoxo Bíblico*, Marica – RJ: Blocos, 2000.
ESPINOSA, B. *Tratado Teológico-Político*, São Paulo: Martins Fontes, 2003.
KELLER, W. e *a Bíblia tinha razão...*, São Paulo: Melhoramentos, 2004.
LEWIS, H. S., *A vida mística de Jesus*, Curitiba: AMORC, 2001.
MACHADO, R. C. *A Sociedade Secreta de Jesus*, São Paulo: Ibrasa, 2004.
PASTORINO, C. T. *A Sabedoria do Evangelho*, vol. 1, Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964.
PASTORINO, C. T. *A Sabedoria do Evangelho*, vol. 6, Rio de Janeiro: Sabedoria, 1969.